

## Sección Caso Clínico

### No inverno também há flores e erotismo

#### I don't winter, there are also flowers and eroticism

Telma Regina Lago Costa  
Brasília - Brasil

#### Resumo

Na psicologia fenomenológica-existencial é possível dialogar com a arte para refletir sobre encontros clínicos. A proposta desse artigo é trazer reflexões sobre a angústia do envelhecer, esta chegada do inverno da existência, principalmente em mulheres acima de 60 anos. Na contemporaneidade, apesar de um desejo pela longevidade humana, existe um discurso predominante e homogêneo, sobre a velhice, que a associa apenas a declínio. Esse artigo partiu de inquietações geradas em uma paciente após ter visto uma película no cinema, de encontros clínicos desvelados no processo e os saltos possíveis, citados por Kierkegaard, do florescer citado por Rubem Alves, da percepção que erótica é a alma citada por Adélia Prado, à liberdade de escolha do caminho, visto por Sartre. Pretende-se pensar a existência humana com a presença do erotismo mesmo no ocaso da vida partindo dessas inquietações geradas e transpiradas em encontros clínicos

#### Palabras chave

Encontros, erotismo, velhice, cinema e filosofia.

#### Resumen

En la psicología existencial-fenomenológica es posible dialogar con el arte para reflexionar sobre los encuentros clínicos. El propósito de este artículo es traer reflexiones sobre la angustia del envejecimiento, esta llegada del invierno de la existencia, especialmente en mujeres mayores de 60 años. En la contemporaneidad, a pesar del anhelo de longevidad humana, existe un discurso predominante y homogéneo sobre la vejez, que la asocia únicamente a la decadencia. Este artículo parte de las inquietudes generadas en una paciente después de ver una película en el cine, de los encuentros clínicos develados en el proceso y los posibles saltos, mencionados por Kierkegaard, del florecimiento mencionado por Rubem Alves, de la percepción de que lo erótico es el alma, citada de Adélia Prado, la libertad de elección del camino, visto por Sartre. Se pretende pensar la existencia humana con presencia del erotismo incluso al final de la vida, a partir de estas inquietudes generadas en los encuentros clínicos.

#### Palabras clave:

Encuentros, erotismo, vejez, cine y filosofía.

#### Abstract

In existential-phenomenological psychology, it is possible to dialogue with art to reflect on clinical

encounters. The purpose of this article is to bring reflections on the anguish of aging, this arrival of the winter of existence, especially in women over 60 years old. In contemporary times, despite a desire for human longevity, there is a predominant and homogeneous discourse about old age, which associates it only with decline. This article started from concerns generated in a patient after seeing a film in the cinema, from clinical encounters unveiled in the process and the possible leaps, cited by Kierkegaard, from the flourishing cited by Rubem Alves, from the perception that erotic is the soul cited by Adélia Prado, freedom of choice of path, as seen by Sartre. It is intended to think about human existence with the presence of eroticism even at the end of life, starting from these concerns generated in clinical encounters.

#### Keywords

Encounters, eroticism, old age, cinema and philosophy.

O inverno aparece em muitos contos e poesias no sentido de apontar para a finitude de todas as coisas sem abandonar a beleza do festival de cores que nos alcançam. Tudo isso torna evidente que no inverno há cores e flores, mas nem todos têm a capacidade de enxergá-las. Rubem Alves em seu texto *A morte do ipê* diz:

*Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física ótica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake disse e afirmou: "A Árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei isso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa, porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam lixo (Alves, 2015, p.224).*

Rubem Alves, no trecho acima, ressalta que, para apreciarmos a beleza, seja a do ipê ou qualquer outra beleza: a do passar do tempo, da finitude ou do inverno, é necessário diferenciar o que é olhar e o que é enxergar. Traçando um paralelo entre o florescer e o

colorir, que acontece na natureza, mesmo no inverno, tenho como objetivo buscar desvelar como o mesmo acontece com a existência humana. Para poder retratar o erótico da existência mesmo no ocaso da vida, principalmente, nas mulheres, trabalharei neste texto com experiências descritas pelo cinema, pela poesia, literatura, filosofia e também vividos em encontros clínicos. Tudo isso dando destaque às mulheres que já ultrapassaram seus 60 anos de vida. Apesar de um maior desejo pela longevidade no mundo contemporâneo, observa-se que existe um discurso predominante e homogêneo, sobre a velhice, que a associa a declínio ou, ainda, que enaltece determinado tipo de envelhecimento, em que os sinais do tempo são amenizados.

Nos encontros clínicos, muitas vezes, me deparo com situações em que as mulheres que me procuram relatam uma grande inquietação frente ao avanço de seu tempo de vida. Neste texto focarei o caso de uma mulher, com 61 anos, que inicia a sua segunda fase da psicoterapia referindo-se a um filme que a impactou. Na medida em que a paciente relatava o modo como a situação a mobilizara, despertou a vontade de escrever sobre o tema.

A paciente será denominada Carmen. É uma mulher de 61 anos e o nosso primeiro encontro clínico foi enquanto ainda era minha aluna na graduação de Psicologia. Nesse período realizamos alguns encontros terapêuticos, tendo sido mantido o sigilo, por parte da paciente e obviamente por parte da terapeuta. Ela queria evitar que seus colegas dessem opiniões. Durante a pandemia, as sessões foram interrompidas, por vontade de Carmen. As sessões online não a interessavam.

No dia 11 de março de 2022, Carmen procurou novamente os encontros terapêuticos e as sessões foram retomadas. A paciente considerou que poderíamos dar continuidade aos encontros, motivada pelos muitos lutos na sua vida, principalmente, a recente perda de seu pai e o processo de exaustão em que se encontrava por ter sido sempre obediente diante das tarefas de mãe, esposa, professora, funcionária pública etc.

O seu processo terapêutico tem sido desvelado por meio de novas percepções e libertação da obediência às regras descritas por ela. Na sua 12ª sessão, desse segundo período, Carmen compareceu à terapia muito mobilizada após ter assistido a um filme – *Boa sorte Leo Grande*, sob a direção de Sophie Hyde, roteiro de Katy Brand, com um reduzido elenco de três atores: Emma Thompson (britânica de 63 anos), Daryl McCormack (irlandês de 29 anos) e Isabella Laughland (britânica de 30 anos). O cenário se restringe a um quarto de hotel, quase todo o tempo, e apenas em um breve momento mostra o café do hotel, quando aparece em uma única cena uma terceira atriz.

Para compreender melhor as conexões que pretendo fazer neste diálogo entre encontro terapêutico, cinema, literatura e erotismo, trago o resumo do filme. Nancy Stokes (Emma Thompson) é uma professora

aposentada, viúva há dois anos. Apesar da protagonista ter tido uma vida satisfatória como professora, esposa e mãe, não tivera uma vida sexual prazerosa. Seu plano era poder experimentar, pelo menos uma vez, uma noite prazerosa de sexo. Ela então contrata um profissional do sexo, Leo grande (Daryl McCormack) e reserva um quarto em um hotel. Leo sabe que faz bem o seu trabalho. Eles tiveram quatro encontros, todos contratados por Nancy. A terceira atriz (Isabella Laughland) só aparece em uma cena chave da película, momento em que ocorre por parte da protagonista, uma autorização para vivenciar inteiramente a sua nova descoberta e a libertação da sua moral castradora. Nancy, ao final, despede-se de Leo com a saudação: 'Boa sorte!', após ter concluído o seu projeto de vivenciar o prazer sexual. Já sozinha no quarto, Nancy se olha no espelho e se despe, aceitando completamente a sua sensualidade, e a consciência de seu erotismo que nunca havia morrido e foi reconquistado.

Carmen, a paciente, se identificou com a protagonista do filme. Não no que se refere ao prazer no sexo, mas às listas de tarefas a cumprir, exigências de bom comportamento, idolatria aos filhos, imposição moral pressionada pelos princípios religiosos, e poucos prazeres na vida. Carmen, assim como Nancy, personagem do filme, também é aposentada e tem uma vida satisfatória, mas a paciente quer viver o luto de tantas perdas na sua vida para, finalmente, poder se libertar de cumprir com os afazeres impostos ao projeto de pessoa exemplar. O filme a lembrou de que precisa de aventuras na sua vida, sem seguir listas intermináveis de tarefas, mas, antes, quer e precisa viver os lutos com toda a intensidade para deixar surgir novamente os seus desejos abandonados no decorrer da vida. Esse abandono dos desejos, recebeu muitos elogios e foi muito valorizado por nossa sociedade contemporânea. Diz ela: "O luto do meu pai me lembrou outros tantos lutos não vividos. Agora querem também me tirar o direito de viver esses lutos! Não!" O desejo dos que estão a sua volta é de que ela adquira novas tarefas para preencher qualquer tipo de vazio existencial, mas ela quer viver os lutos, não está se incomodando com vazios, na verdade descobriu que os estava desejando.

No cinema, a atriz Emma Thompson fez a sua primeira cena de nudez na vida artística aos 63 anos, exatamente nesse filme a que Carmen se referiu. A atriz confessou que a vida toda foi condicionada a ter vergonha e a não gostar de seu corpo. Ela aceitou se despir, naquele momento, por considerar que fazia parte do enredo e, mais ainda, por entender a importância de se expor, para uma maior aceitação do corpo, da nudez e da sensualidade, em qualquer idade. Considerou que, se expor, não serviria apenas para ela, já que sabe a importância da influência do artista na sociedade e a possibilidade de provocar uma reflexão e debate sobre caminhos tomados pela estética exigente e excludente. A atriz conclui que se sentia pronta para a nudez, naquele momento de sua existência. E Carmen, será que pode aproveitar a

ousadia da artista para expandir a sua aceitação do corpo, da idade e se libertar de imposições sociais? Considerando a corajosa nudez da Emma Thompson, no inverno de sua vida, cheia de vivacidade, podemos assistir nesta película a possibilidade do brilho de uma atriz experiente no seu inverno, ser tão ou mais intensa quanto a de uma jovem atriz. Apesar de ter sido escrita no século XIX, a citação abaixo, sobre a atuação de uma atriz, Sören Kierkegaard, descreve em seu texto, *A crise na vida de uma atriz*, traduzido pelo Instituto de Psicologia Fenomenológica-existencial do Rio de Janeiro:

*Mas agora, qual a razão dessa desumanidade que dirige tanta injustiça e até mesmo crueldade contra mulheres dedicadas ao serviço da arte? Qual a razão, exceto por aquele cultivo estético que é tão raro entre as pessoas? Aonde o feminino é considerado, a apreciação da arte para a maioria das pessoas está em suas categorias essenciais e em seu modo de pensar, como o mesmo que em cada aprendiz de açougueiro, oficial da guarda ou vendedor que fala com entusiasmo sobre uma beleza condenada ou sobre um diabo com uma bela vivacidade de dezoito anos. Esses dezoito anos, essa beleza condenável e essa vivacidade diabólica, que é a apreciação da arte – é também sua brutalidade. (Kierkegaard, 1847, p.5).*

Será que o trecho destacado acima estaria em jogo no motivo pelo qual Emma aceitou sua primeira nudez no filme naquele momento de sua vida? Será pelo fato de ela já ter percorrido um bom caminho para a interioridade, proporcionando uma aceitação de si mesma? Emma, assim como também Carmen, não querem mais aceitar os impedimentos impostos pelo mundo? Ambas puderam ver a possibilidade de infringir os limites impostos socialmente, exigindo uma juventude para se viver o erotismo? Emma, no cinema, consente, como artista, viver a juventude justamente no momento que está pronta para viver seu erotismo. Mas, com Carmen, o que ocorrerá? Para se pensar em uma psicoterapia aproveitando o pensamento Kierkegaardiano, é preciso considerar que o ser humano se constitui como movimento, portanto, jamais pode ser plenamente apreendido por um sistema, muito menos negar a dialética da existência. Kierkegaard pensa em um eu que, em si próprio constitui um paradoxo. O existir humano implica na impossibilidade de apreensão, pela construção científica, do psiquismo humano. O homem pode ser pensado, jamais teorizado ou transformado em tema de uma investigação explicativa e categorial (Feijoo, Mattar, Feijoo, Lessa e Protasio, 2013, p.32).

Na película *Boa sorte, Leo Grande*, Nancy quer recuperar o que não conseguiu realizar na juventude e, respeitando a dialética do novo e velho, ainda dá tempo. Assim como Carmen ainda tem tempo de sair de sua total obediência às regras morais impostas por uma sociedade que trata a mulher madura como invisível no que se refere aos desejos. É preciso

tempo para reconhecer a necessidade do silêncio para se pacientar na busca de uma interioridade, se perceber na singularidade e se apossar da alma. Essa delicadeza para olhar e enxergar, aceitando uma verdade que estará sempre no jogo dialético da vida. Provavelmente Carmen e Emma, nesse momento da vida, percorreram seus caminhos e aproveitaram o seu tempo nessa busca. Quando foi que deixamos que a pressa fosse mais importante que a posse da alma?

Ainda aproveitando o texto do filósofo, este nos convida a questionarmos a valorização da juventude e negação da maturidade como algo que possa contribuir para o encantamento com a vida em qualquer momento ou faixa etária:

*No entanto, deposita-se uma carga descomunal em uma pessoa que tem que suportar a ilusão do palco e o peso dos olhos de todos. Na ausência de uma aceitação plena, mesmo o mais alto nível de habilidade profissional não consegue ocultar o peso de uma aflição; mas aonde a aceitação plena encontra-se presente, o peso da aflição é continuamente transformado em leveza (Kierkegaard, 1847, p.17).*

Kierkegaard defende que a dialética aceita juventude e maturidade, luto e vida, choro e risos, demonstrando que não há motivo para só conseguirmos valorizar o belo no que é novo, jovem, liso, que lembre o frescor. “Essa é a maneira que acontece com a jovem atriz. Ela está em sua própria essência na tensão do palco, aonde justamente lá, ela se torna tão leve quanto um pássaro” (1847, p. 17). E mais à frente, no mesmo texto:

*Uma mulher que possui a juventude feminina, somente no senso comum, não pode receber a metamorfose, uma vez que a juventude, neste sentido, não é dialética por si mesma. Tem apenas uma única vida, que é consumida pela entrada da dialética ao invés de ser separada ou deixada de lado. O tempo é a dialética que vem da ausência, que consome essa juventude antidialética mais cedo ou mais tarde (Kierkegaard, 1847, p.35).*

Em sua filosofia é preciso esclarecer a distinção de três modos ou “esferas” básicas de existência: a estética, a ética e a religiosa. Aproveitei o que descreve dois importantes estudiosos do filósofo sobre estas esferas:

*Em primeiro lugar, é indicado que o homem que vive esteticamente não está realmente no controle, seja no de si mesmo, seja no de sua situação [...] Sua vida, portanto, não tem “continuidade”; falta-lhe estabilidade ou objetivo; ele muda de rumo conforme o humor ou as circunstâncias, “como uma carta mágica, da qual se pode depreender um sentido agora e outro depois, dependendo de como se olha para ela”. (p. 53). O sujeito ético é retratado como aquele que vê a si*

mesmo como um “objetivo”, uma “missão”. Ao contrário do homem estetizante, continuamente preocupado com o externo, sua atenção dirige-se a sua própria natureza, a sua realidade substancial como ser humano com tais e tais talentos, inclinações e paixões, sendo que estas permanecem sob seu controle. Acredita-se, assim, que o ético pode, cômico e deliberadamente, assumir a responsabilidade por si mesmo (Patrick Gardiner, 200, p.58). E a terceira esfera e a mais valorizada por Kierkegaard se dá por salto do estágio ético para o religioso. O religioso, com sua fé, exprime uma relação de ninguém com ninguém, ignora o mundo: importa apenas a intimidade da relação. Por isso existe um salto entre o ético e o religioso. O religioso também respeita os preceitos morais, mas estes não representam tudo para ele (Le Blanc, p.70).

Esse salto, que Kierkegaard valoriza, da etapa ética da existência para a etapa religiosa, na clínica consideramos como o salto que o paciente dá no caminho de sua interioridade em direção a singularidade. Testemunho na clínica os saltos dos pacientes. Vivem com intensidade, nos seus processos terapêuticos, as angústias de negociar com uma moral castradora que dificulta os saltos pela escolha de si mesmo. Mas, muitas vezes, testemunho, como tem sido o caso de Carmen, uma luta com intensidade pela escolha de si mesma no inverno de sua vida.

Na literatura, Adélia Prado, descreve que a alma é erótica (Arruda, 1991.p.57) e descreve o envelhecimento como algo que, se não houver a morte no caminho, virá para todos, mas “a boa notícia é que a alma pode permanecer com o humor dos dez, o viço dos vinte e o erotismo dos trinta anos”. Existe um segredo para conseguir desfrutar deste inverno, com uma dedicação, não apenas à reforma externa, ou seja, estética, mas também à sua interioridade. Ao construirmos os alicerces para viver o erotismo da alma aceitando a passagem do tempo, os nossos defeitos sem culpa e o pleno reconhecimento de nossa temporalidade, ao navegar em águas profundas, o erotismo nos perpassará a vida e, se o envelhecimento é um fato, não há motivo para negar as possibilidades nele existentes. O corpo diminuiu o ritmo, e a leveza pode permanecer através do humor. Diante de um bom livro, podemos ficar em silêncio em casa, podemos desfrutar de um bom sexo sem pressa e, sem um destino exato, podemos nos conduzir cuidadosamente por tantos caminhos e projetos intensos. Por fim, podemos viver o erotismo até quando estivermos nos deliciando com bom fruto, já que erótica é a alma.

O erotismo pode ser visto a cada momento de desfrute ou excitação com a intensidade da vida, sem tratar a idade como um impedimento dessa vivência. Quando ocorrem as amarras sociais provavelmente são regidas por uma cultura que valoriza a juventude, nega a dialética da passagem do tempo e focaliza a imagem do esperado pela sociedade, onde as marcas da passagem do tempo se tornam uma ameaça. A

escolha de si mesmo fica camuflada como se fosse um problema. Que pena! Já que essas marcas mapeiam os percursos realizados na vida de cada paciente que acompanhamos, de cada atriz que continua a interpretar, em cada poetisa que permanece em seu ofício trazendo encantamentos percebidos. Todas essas, por se ter aprendido a se demorar nas diversas experiências da vida.

Em outra literatura, no livro *O Muro* (1939/2015) de Jean Paul Sartre, também filósofo, há um conto – O quarto. Neste conto há dois momentos onde surgem a intensidade de prazeres eróticos, no sentido que estamos refletindo sobre a vivência da dialética novo – velho e a escolha de si mesmo. Ambas as situações nos contos podem gerar incômodos se olharmos com os julgamentos próprios das regras e não da escolha singular do erótico. A primeira é uma mulher moribunda que descreve o prazer de desfrutar de um doce oriental, na cama junto aos seus livros:

*A Sra.Darbédát segurava entre os dedos um rahat-lucum (bombom oriental). Levou-o aos lábios com cuidado, prendendo a respiração, temendo que a fina poeira de açúcar que o cobria pudesse acabar voando. “É de rosas”, disse a si mesma. Depois mordeu bruscamente aquela carne vítrea e um perfume infecto encheu-lhe a boca. “É curioso como a doença afina as sensações. Começou a pensar em mesquitas, em orientais obsequiosos (estivera em Argel durante sua lua de mel), e seus lábios pálidos entreabriram-se num sorriso: também o rahat-lucum era obsequioso... (Sartre, 1939, p.28).*

Esse prazer conduziu a Sra. Darbédát, mesmo estando no quarto a vivenciar o amadurecimento das suas recordações mais requintadas como um belo fruto de estufa. O corpo frágil e doente não a impossibilitou de vivenciar com intensidade o seu erotismo. E além de aproveitar os sabores de seu sofisticado doce, também pôde pensar nas frustrações vivenciadas no seu dia a dia no leito que acolhe os momentos de certeza de sua finitude. Ao pensar que o seu marido poderia em breve bater à porta e interromper sua experiência, ela se irrita.

O segundo momento, do mesmo conto, é uma filha que escolhe se entregar totalmente ao seu marido em surto, mesmo com a visita de seu pai dizendo a ela para sair daquela relação que a faz diminuir as possibilidades de sucesso na sua carreira e vida social. Ela sabe de tudo isso, mas escolhe se entregar ao mundo criado por seu marido que a suga para o quarto escuro e à observação da posição fetal do marido em seus delírios. Para o pai dessa personagem, é uma escolha impossível. Esse pai tem muitas expectativas por ter investido na filha e não admite que ela escolha se entregar ao mundo escuro do marido, mas ela não cede e, assim que o pai se retira, volta a acompanhar os delírios do marido, não com uma aceitação passiva, mas entregue, vivenciando as raivas, medos e tristezas que lhe ocorrem, sem negar o seu erotismo que já viveu com

esse homem e que o sente presente, mesmo que o sexo já não seja vivenciado pelo casal.

A sensibilidade do psicoterapeuta pode não se dar também em um tempo breve. É necessário a paciência, o cultivo de silêncio em direção a uma interioridade para não ser domado pelos catálogos de doenças, deixando de ver o paciente ou esquecendo que este é um ser humano como eu e que no momento está procurando construir novos caminhos para amenizar os seus sofrimentos existenciais. Segundo Kierkegaard: *“Toda e qualquer forma de ausência de interioridade é então atividade-passividade ou passividade-atividade, e quer ela seja uma ou outra, situa-se na autorreflexão.* A própria forma percorre uma significativa sequência de nuances conforme a determinação da interioridade se torne cada vez mais concreta” (Kierkegaard, 2014, p.155). Com esta definição de interioridade do filósofo, avalio como sair deste suposto saber e me coloco neste caminho em direção a mim mesma, enxergando o outro no seu processo psicoterapêutico, valorizando a sua existência e a minha também.

Na psicologia fenomenológica-existencial, aproveitamos na clínica a contribuição da literatura, cinema, arte e filosofia. Não há motivos para a ciência deixar de fora essas contribuições para a clínica. “A proposta de uma psicologia fenomenológica-existencial pode ser alvo de crítica, ao se ater apenas às reflexões da existência, que bem cabem à filosofia. A psicologia, quando assume a postura fenomenológica, pretende se afastar das psicologias ditas científicas sem, no entanto, perder a possibilidade de atuar como uma *práxis*” (Feijoo, 2010, p.33). Quando pensamos em não determinações na clínica, não significa que não precisamos saber construir conhecimentos científicos, precisamos nos ater àquilo que surge no momento da clínica; e claro que não é fácil desenvolver essa sensibilidade e paciência de aguardar o que surge no encontro clínico. Essa construção também se dá com o tempo, portanto na atuação com essa metodologia, ao contrário do que dizem os críticos, talvez o conhecimento deva ser maior do que outros tipos de ação clínica. A ideia é que possa ser vivido uma ação clínica sustentada por uma psicologia que dialogue com a filosofia, que haja uma valorização do singular desfrutando da sensibilidade, da serenidade e do pacientar diante do outro no seu próprio ritmo existencial.

De volta à situação de Carmen, especificamente à sua solicitação para viver os seus lutos sem ter que ouvir: “Para de chorar a morte de papai, já passaram dois anos e ele já era velho!” Ela se despe na psicoterapia, assim como Emma se despe de seus impedimentos de viver o seu nu no cinema e se mostra plena na sua dor e nas suas necessárias escolhas entre uma moral normativa e o salto pela escolha de si mesma. Carmen sente e sabe que só vivendo a intensidade do que perdeu, buscando não atender à uma ética normativa, poderá se abrir para novos projetos legítimos, onde o clamor singular seja

a sua escolha. Venho testemunhando esse processo e percebendo que a culpa dessa escolha vem se esvanecendo aos poucos.

Eu, a psicóloga clínica de Carmen, também me mobilizo com a questão que a inquietou. Nos atendimentos clínicos vivenciamos com intensidade cada processo dos pacientes e este caso me levou a pensar e sentir os meus lutos, aflições e fracassos que ainda estavam sendo deixados de lado na pressa que a vida impõe com este tempo sem tempo. O encontro com Carmen me levou a decidir também sobre meus novos projetos, mesmo que ainda com muita cautela e medos de sair das expectativas do mundo. A luta entre as permissões e impedimentos vividos pelos pacientes, a cada instante nos chama para este apossar-se da alma que tanto é valorizado por Kierkegaard, Adélia Prado etc.

A maneira com que me mobilizou foi imediata e por isso no dia seguinte ao encontro clínico, vou ao cinema ver o filme que tanto a tocou. Saio do cinema angustiada, agoniada ao pensar no massacre da sexualidade de uma mulher feito pela sociedade por meio de uma educação castradora. Ao mesmo tempo, fico encantada com a nova descoberta da personagem Nancy ao recuperar do seu erotismo e com Emma que aos 63 anos tem coragem de despir o seu corpo pela primeira vez na arte que a cada momento realiza com maior maestria. Continuando as minhas reflexões: Questiono que encantamento pode acompanhar as possibilidades da existência, de novos projetos da alma erótica! Na saída agradeço em silêncio à minha paciente que me proporcionou esse momento e essa permissão.

Aproveitando a angústia de Carmen e a minha também, voltemos às ideias do mesmo filósofo que esclarece que o salto necessário se dá do modo ético para o religioso quando o existente escolhe a si mesmo:

*“O “possível” de Kierkegaard não remete a um juízo sobre o advir das coisas ou o sobreviver de um estado de coisas, mas caracteriza o existir do homem. A vida não é apenas bios, que tem seu movimento próprio do nascimento à morte. A vida do homem é existência, é relação com o mundo e com os outros; é preocupação com sua sobrevivência, é antecipação e projeto, desenvolvimento de um programa que está descrevendo, saída fora de si da vida, é essa continuidade contrariada por descontinuidades, as das escolhas que é preciso efetuar o tempo todo. O existir é contingência absoluta: o existir não conhece outra necessidade a não ser a das escolhas exigidas por um existir livre sem determinação (Le Blanc, 2003, p.48).*

Na psicologia clínica, acompanhamos as negociações do nosso paciente com suas regras, comandos e castrações que excluíram de suas vidas o seu si mesmo. Diversos pacientes em seus processos dão um passo em direção a si e a culpa os puxa para voltar às regras. É uma agonia. Carmen denuncia a raiva que sente das filhas por tantas exigências, e a

culpa vem em seguida. Na psicoterapia, a intenção não é romper com a ética e seus imperativos aprisionantes e sim abrir a possibilidade de escolher a si mesma, de se autorizar a saltos em direção a sua singularidade

Na película com a qual estamos dialogando, Nancy tenta negociar com Leo, diversas vezes, convidando-o a pensar em sua vida, para assim salvá-lo dessa profissão com que ela mesma não concorda. Diz a Leo que essa profissão não é moralmente correta. Parece que por esse caminho ela também poderia se perdoar da moral que a condena – mulher madura que contrata um profissional do sexo. Ele dá limites à relação se apresentando com um nome falso, e ela invade sua privacidade, procurando saber o nome correto, pesquisando na internet. Ele expressa raiva da invasão. Que relação quer com ele? Nancy romantiza para aceitar aquela relação e ele diz “não” e completa: “Toda relação tem limites e você não respeitou os meus!”.

O momento chave do filme se dá diante de uma terceira pessoa. Nancy está aguardando Leo para se despedir e se desculpar pela invasão que realizou ao pesquisar sobre a sua vida. Nesse encontro, ainda não havia atingido o seu projeto de prazer – a moral castradora ganhou! No mesmo momento do encontro, surge a garçonete que anuncia que foi aluna dela e revela o quanto ela era castradora e moralista. Nancy tenta interromper a denúncia da garçonete algumas vezes, e Leo testemunha toda a situação, solicitando que a garçonete continue. Até que, finalmente, Nancy dá o seu salto em direção a sua singularidade, ao seu desejo, a sua busca. Pede desculpas para sua ex-aluna, a garçonete, pelos insultos ditos como professora castradora e além de pedir perdão, anuncia que ela está lá com o profissional do sexo, que ele tem uma língua maravilhosa, que o recomenda e que, na verdade, vão subir para o quarto e vivenciar a sexualidade. No último encontro, Nancy realiza o seu projeto e o seu salto em direção a sua escolha singular ocorre, atingindo o seu prazer desejado. Dessa vez, a moral castradora perdeu e a conquista de si mesma venceu!

Uma atriz, mesmo na situação mais favorável, terá um preço a pagar. Por mais que os espectadores vejam apenas o lado glamoroso, a cada ano de sua vida de artista paga mais caro pela admiração que o público lhe dedica, e, no tempo transcorrido as exigentes críticas desaprovadoras aumentam. Concordando com o texto de Kiekegaard, durante muitos anos o preço pago em manter a juventude ainda satisfaz a atriz, ela ainda se alimenta dessa admiração, porém, em determinado momento, deseja uma admiração genuína sem a exigente brutalidade estética. Tem sido o engano das que envelhecem, quando sentem que a interioridade está na direção de si mesmas e há mais intensidade nas suas ações, pensar que a maioria teria interesse em admirá-las; pelo contrário, a maioria perde o interesse pelo que é oferecido, apesar de agora sim poderem conhecer o seu erotismo na sua maior intensidade.

Silenciosamente, a metamorfose não é arruinada pelo questionamento nem perturbada pela incompreensão, mas é retirada dos caprichos do público (Kiekegaard, 1847). A juventude poderá estar presente de outras maneiras na atriz madura, e vemos claramente em Emma Thompson a juventude que se opõe ao tempo cronológico demonstrar a sua metamorfose na sua genialidade, na sua atuação nesta bela película e na sua coragem de mostrar o corpo com suas marcas do tempo.

Carmen ainda não havia dado o seu salto, mas hoje pude perceber que deu o salto, na sua despedida deste momento terapêutico. Realizou atendimentos na clínica psicológica, durante um ano após ter finalizado o curso de Psicologia e agora parou, pelo menos momentaneamente. Precisa estar sem tarefas, sua exaustão chegou ao limite,8 agora quer ouvir os seus desejos. Ela vivenciou a sua luta, seu desejo é estar presente em sua vida, sem listas de tarefas a cumprir, sem papéis tão severos que a coloquem apenas servindo. Ela está se escolhendo e a sua escolha convida esta psicoterapeuta que aqui escreve a se transformar também. A metamorfose não se dá de forma solitária, ela se dá no despertar de pessoas próximas que transpiram suas aflições e se abrem para a busca de novos caminhos, assim como a psicoterapia não se dá apenas para o paciente, mas também para a psicoterapeuta. Carmen já não se sente refém das filhas e nem das tarefas. Quer parar tudo a que se sente obrigada e vai viajar muito, cantar, dançar e passear. Está pesquisando os seus desejos com paciência, respeitando o seu ritmo. Finalmente está se priorizando com delicadeza, entusiasmo e vibração, e a sua autorização de ouvir os seus desejos, me incentiva a ouvir os meus e priorizá-los.

A clínica fenomenológica-existencial suspende as determinações para trabalhar com o que surge nos encontros clínicos, com o psicoterapeuta se abrindo para compreender como se dá a experiência para o paciente na maneira que se articula com o mundo. Esse respeito pode convidar cada paciente a caminhar na sua interioridade para escolha de si mesmo. Segundo Feijoo (2010), em Kierkegaard, buscou-se a possibilidade de se atuar na psicoterapia a partir da singularidade, do conhecer-se a si mesmo e do poder relacionar-se consigo mesmo pela interioridade. Essa proposta implica em buscar as possibilidades existenciais articuladas estruturalmente no ser da existência.

Com uma psicologia clínica pautada nesses princípios, a tarefa do psicoterapeuta é de levantar a atenção dos pacientes às suas expressões inautênticas e autênticas, mobilizando-os de forma a possibilitar o enxergar de suas escolhas e, ao se dar conta de que é um ser livre, se responsabilizar por essas escolhas ou perceber que pode escolher outras. É um desafio estar nesta função profissional e ao mesmo tempo um privilégio nos colocar à disposição do acompanhar o outro que também possibilita o acompanhar a nós mesmos.

Na existência, podemos nos perder na cotidianidade e esquecer que somos o ser que pode questionar sobre si. Na clínica, o sofrimento e as angústias de vivenciar o inverno sem a nomenclatura universal do que seja o envelhecer na existência, muitas vezes conduz o paciente ao consultório. Socialmente, há ainda preconceitos em relação à velhice, como se já não houvesse mais tempo para desfrutar do caminho da interioridade percorrido. Não foi o que me mostraram os encontros com Carmen. Pelo contrário, mostraram o quanto o seu erotismo está presente, o seu desejo de se aproximar cada vez mais de si mesma é imenso. O inverno de Carmen está transbordando de possibilidades que os nossos encontros possibilitaram que ela os visse como de fato são: infinitas.

O desafio como psicoterapeuta é reconhecer que o poder da psicoterapia é lembrar àquele que nos pede ajuda que ele é o protagonista de sua vida e ao psicoterapeuta que a técnica não esgota a existência do seu paciente. É na sua própria liberdade de se dirigir a si com paciência, identificando as manobras que o distanciam da percepção da sua própria liberdade, [...] neste jogo entre determinações do impessoal e a tarefa singular de ter que existir tendo que cuidar de sua existência – que encontramos a essência deste tipo de clínica (Feijoo, Mattar, Feijoo, Lessa, Protasio. 2013).

Quando a maioria pensa em uma mulher para além dos 60 anos, imagina que a sua condição de vida seja sem muitas perspectivas, sem desejos, muito menos desejos sexuais, e se esquecem que muitas dessas mulheres percebem que a sua liberdade é presente e as suas possibilidades imensas. Talvez nessa fase esteja realmente dizendo sim para si mesma. Outro desafio dos atendimentos clínicos para as mulheres maduras após os 60 anos é acolher essas questões e, a cada paciente que atenderem, se abrir para vivenciar no encontro o desfazer de mais alguns preconceitos que a sociedade do descartável nos impõe e que a psicologia tradicional quer apenas encaixar em mais uma nomenclatura para aliviar as angústias vividas pelo psicoterapeuta na sua função. Como se apresenta a maturidade em qualquer tempo da existência?

A maturidade relaciona-se com o tempo, levando-o extremamente a sério, numa proximidade muito grande, com uma consciência cada vez maior. Quanto mais consciência do tempo, mais tempo e menos pressa. Esse - como se - a eternidade estivesse pela frente significa uma peculiar relação confiante do homem com o mundo: a paciência (Pompeia E Sapienza, 2014. p.136).

A paciência e a serenidade são necessárias para a ação clínica acompanhando o tempo do outro. No inverno da psicoterapeuta, é necessária a negociação com o mundo para continuar a ser respeitada e ouvida na sua forma de ser.

Chegando ao final dos encontros terapêuticos com Carmen, ao me despedir dela, eu anunciei que as portas estão abertas para novos encontros, se necessários. Nas sessões psicoterápicas, as

possibilidades na sua relação com o mundo se ampliaram visivelmente. Declarei a ela o quanto o processo dela me fez crescer e criar coragem até de escrever sobre o assunto. Carmen, aho se sentir cada vez mais presente na sua vida como protagonista, desfrutando do seu erotismo, me convida também a experimentar e ousar confiar nas minhas percepções e no meu caminho trilhado como mulher, professora, psicóloga clínica e também neste meu inverno.

Os saltos possíveis nos consultórios são puros prazeres e poesias. A arte de degustar os passos do outro, como psicoterapeuta e professora que sou, transpira a interioridade que conquistei e o quanto o erotismo está presente em todos os personagens escolhidos para esta construção do texto. Carmen, a paciente, me dá total permissão de vivenciar o meu erotismo, não aquele da juventude, mas algo mais elaborado e intenso que transborda.

Assim como um filme não é desfrutado igualmente por todos, a filosofia não desperta as mesmas reflexões, a literatura não traz as mesmas emoções, muito menos os nossos pacientes vão descobrir as mesmas coisas em qualquer encontro. Todos os processos demonstram que a interpretação singular deve estar presente e ser respeitada. Acompanhar as experiências vividas pelos nossos pacientes, aguardando um sentido que apareça no próprio viver da experiência é a tarefa sensível da clínica.

Como foi dito no início deste texto por Rubem Alves, o desafio é ver com olhos que não cortem um ipê por estar sujando a calçada, mesmo com o passar da idade e sim que possamos auxiliar a cada paciente a perceber a sua capacidade de olhar o mundo com olhar poético, sensível, desfrutando do erotismo da primavera e também do inverno do seu próprio existir. Com Adélia Prado, recebemos o convite a pensar que o tempo percorrido deve trazer uma boa colheita para desfrutar da alma erótica, já que ela leva tempo para ser descoberta. Aceitar também a dialética que Kierkegaard descreve na angústia da atriz e da existência, enxergando o velho e o novo com a mesma importância na existência. Lembrar também que nenhum sistema, por mais perfeito e cruel que queira ser, pode reduzir a dialética da existência; e com Sartre, aceitar as escolhas e caminhos que cada um percorre, por mais exóticos e absurdos que possam parecer. A psicoterapia é uma oportunidade do paciente de se reinventar e do psicoterapeuta de ampliar a sua sensibilidade, serenidade e paciência para percorrer os caminhos do paciente sem colocá-lo na posição de confissão e julgamento por um profissional que talvez veja o seu paciente como inferior hierarquicamente. É um desafio e um caminho de encontro também com o seu si mesmo.

Concluo este texto sem a certeza de ter conseguido transpirar todo o encantamento do encontro clínico com minha paciente Carmen. A provocação dela foi me levar a pensar na razão da sociedade desejar tanto a longevidade, se depois todo o movimento é de tornar as mulheres de mais de 60 anos invisíveis socialmente? E também o quanto os filmes, os



filósofos, os literatos nos auxiliam na compreensão dos casos clínicos que acompanhamos. Como? Vivenciando a intensidade de nossas vidas sempre em movimento para obtermos fôlego para despertar essa percepção nos nossos pacientes. Percebo, nestes muitos anos de atuação clínica que temos a obrigação de convidar os pacientes a perceber que as possibilidades existenciais são infinitas. Com isso, os psicoterapeutas também se libertam dos catálogos de patologias e ampliam as suas existências sem imaginar que terão um dia o controle de toda a situação dos nossos pacientes. Acompanhar os processos dos outros, amplia as nossas asas para voarmos sem mais tantos medos do desconhecido e, sim, buscarmos encontros.

A minha despedida nessa finalização do processo de Carmen foi: Boa sorte, Carmen! E quanto ao tempo do envelhecer: Olá!

### Referências bibliográficas

- Alves, R. (2015). *Do Universo à jaboticabeira*. São Paulo : Planeta.
- Arruda, E. (1991). *Poesias Reunidas*. Rio de Janeiro: Record.
- Blanc, C. L. (2003). *Kierkegaard*. São Paulo : Estação Liberdade.
- Feijoo, A. M. (2010). *A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológica-existencial*. Rio de Janeiro: Ifen.
- Feijoo, A. M., Mattar, C. M., Feijoo, E. L., Lessa, M. M., & Protasio, M. M. (2013). *O pensamento de Kierkegaard e a clínica psicológica*. Rio de Janeiro: Ifen.
- Gardiner, P. (1988). *Kierkegaard*. São Paulo: Loyola.
- Hyde, S., & Brand, K. (2022). *Good Luck to you, Leo Grande*. Reino Unido e Estados Unidos da América: Hulu.
- Kierkegaard. (2020). Christian discourses: The crises and a crisis in the life of an actress. Em S. Kierkegaard, *Kierkegaard's writings, XVII* (<https://www.ifen.com.br/artigos/traducao01.pdf>, Trad., p. 5). Rio de Janeiro: Ifen.
- Kierkegaard, S. (2014). *O conceito de angústia*. Petrópolis: Vozes de Bolso.
- Pompéia, J. A., & Sapienza, B. T. (2014). *Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: Educ.
- Sartre, J.-P. (2015). *O Muro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Graduação em Psicologia (Uni-Ceub,1984); Licenciatura em Psicologia (Uni-Ceub, 1983); Especialização em Psicologia Clínica (CRP/DF, 1990); Especialização em Filosofia (UnB,2005); Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento Humano e Saúde (UnB,2013); Formação em Psicologia Fenomenológica-Existencial (IFEN RJ, 2023). Atuação profissional: psicologia clínica CRP 01/2437 (desde 1984); docente e supervisora clínica (IESB desde 2014).

### Correo de contacto:

[telmalagocosta@gmail.com](mailto:telmalagocosta@gmail.com)

**Fecha de entrega:** 24/05/2023

**Fecha de aceptación:** 03/07/2023